



Programa de Pós-Graduação – Área Filosofia

FLF5188 – História da Filosofia Medieval (A noção de crença no primeiro Agostinho)

Prof. Dr. Lorenzo Mammi

Duração: 12 semanas

Créditos: 08

PROGRAMA

OBJETIVOS:

Analisar a noção de crença nos diálogos iniciais de Agostinho, com atenção especial a suas implicações gnoseológicas. Outros aspectos, soteriológicos (necessidade da crença para a salvação) e hermenêuticos (necessidade da crença para a compreensão de um texto) serão tratados apenas marginalmente, na medida em que auxiliam a compreensão do foco principal: em que medida a introdução da noção de crença auxilia Agostinho a superar as aporias cético/estóicas quanto à representação sensível e à ação prática.

JUSTIFICATIVA:

Um dos temas recorrentes da filosofia da antiguidade tardia é o problema da discernibilidade de verdadeiro e falso na percepção sensível, abordado especialmente por estóicos e céticos, em campos opostos. Agostinho conhecia essa polêmica principalmente graças aos *Accademica* de Cícero. Ao introduzir a noção de crença na polaridade tradicional de ciência e opinião, Agostinho busca uma solução original, que terá enormes conseqüências na filosofia e na religião da Idade Média e do Renascimento. Algumas questões, neste quadro, têm especial importância: a crença é uma forma de conhecimento? Se não, qual é sua relação com o conhecimento (resumida na famosa fórmula: *crede ut intelligas*)? Em que medida a crença é espontânea e em que medida é intencional? Enquanto origem do conhecimento, a crença estabelece um ponto de convergência entre razão e vontade? Os textos de Agostinho não oferecem uma resposta definitiva sobre essas questões, mas são em grande parte responsáveis para seu surgimento.

CONTEÚDO (EMENTA):

1. A polêmica cético/estóica sobre o conhecimento: os *Accademica* de Cícero.
2. A crítica agostiniana (*Contra Accadêmicos*)
3. A solução platônica (questão 9 do *De diversis Quaestionibus Octoginta Tribus*) e sua insuficiência (*De Vera Religione*).
4. A necessidade e utilidade da crença (*De utilitate credendi*)
5. O mundo como objeto das sensações e as sensações como ponto de partida da análise introspectiva (*De Libero Arbitrio*).



6. Algumas retomadas posteriores: *De fide rerum quae non videntur; De praedestinatione sanctorum*.
7. A ficção como “verdadeira falsidade” (*Solilóquios*) e a falsidade como engano (*De mendacio*).

BIBLIOGRAFIA:

Fontes primárias: os textos citados na ementa.

Fontes secundárias:

BOLZANI Filho, Roberto, *Acadêmicos versus Pirrônicos*, São Paulo, Alameda, 2013.

BRACHTENDORF, Johannes, “Augustin on the Glory and the Limits of Philosophy”, em CARY, Ph., DODDY, J., PAFFENROTH, K. (org.), *Augustine and Philosophy*, Lanham, Lexington Books, 2010, pp. 3-22.

BROCHARD, Victor, *Les Sceptiques grecs*, Paris, Vrin, 1959.

GILSON, Étienne, *Introdução ao estudo de Santo Agostinho*, São Paulo, Discurso, 2006; parte II: “A Busca de Deus pela inteligência”, pp. 59-220.

HANKINSON, R. J., *The Sceptics*, Londres, Routledge, 1995.

KOCH, Isabelle, “Représentation et Assentiment dans la définition augustinienne de la croyance”, em JAFFRO, L. (org.), *Croit-on comme on veut?*, Paris, Vrin, 2013, pp. 43-62.

LÉVY, Carlos, *Cicero Accademicus*, Roma, École Française, 1992.

NOVAES Filho, “Fé e Razão” em *A Razão em exercício*, São Paulo, Discurso, 2007, pp. 93-127.

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO:

OBSERVAÇÕES: